



NOTAS SOBRE FORMALIZAÇÃO EM ANÁLISE DE DISCURSO E OS SENTIDOS DE *HOSPÍCIO* NO ALIENISMO BRASILEIRO

NOTAS SOBRE LA FORMALIZACIÓN EN ANÁLISIS DEL DISCURSO Y LOS SENTIDOS DE HOSPICIO EN EL ALIENISMO BRASILEÑO

Mariana Mahlmann Feijó¹

Cristian Marques²

Valdemir de Souza Vicente³

Resumo: O presente artigo situa-se no campo da Análise Materialista do Discurso e busca compreender os sentidos de “hospício” no alienismo brasileiro do fim do século XIX e início do XX, por meio de um *corpus* que reúne textos do alienista Juliano Moreira e do escritor Lima Barreto. O trabalho tem um duplo propósito: por um lado, examinar historicamente a constituição desses sentidos; por outro, refletir, por uma via epistemológica, sobre o gesto metodológico da formalização na pesquisa discursiva. A investigação se desenvolve a partir de dois procedimentos principais: (1) a paráfrase, que se entende aqui não como equivalência literal, mas, seguindo sobretudo as reflexões de Fuchs (2012), como um gesto de leitura que evidencia os deslocamentos e tensões de sentido, e (2) a formalização, realizada mediante gráficos discursivos que buscam tornar visíveis relações de sinonímia, implicação e contradição. A análise acabou mostrando uma diferença importante entre os textos analisados: para Moreira, o hospício aparece como o “início de um belo movimento de progresso”; enquanto que para Barreto, ao contrário, representa o “processo da Idade Média” da reclusão. Entretanto, não foram os achados históricos aquilo que mais se destacou, mas reflexão crítica sobre a própria prática analítica. Defende-se, nesse ponto, que a formalização não deve reduzir-se a uma operação técnica desprovida da reflexão epistemológica que a sustenta, mas assume-se que tal expediente, nesse nível da prática analítica, possui efeito metodológico heurístico para auxiliar o analista no processo de desfazer a naturalidade dos sentidos e demonstrar como eles funcionam na articulação entre língua, ideologia e história.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Formalização. Paráfrase. Alienismo Brasileiro.

Resumen: El presente artículo se sitúa en el campo del Análisis Materialista del Discurso y busca comprender los sentidos de “hospicio” en el alienismo brasileño de finales del siglo XIX y principios del XX, a través de un *corpus* que reúne textos del alienista Juliano Moreira y del escritor Lima Barreto. El trabajo tiene un doble propósito: por un lado, examinar históricamente la constitución de esos sentidos; por otro, reflexionar, por una vía epistemológica, sobre el gesto metodológico de la formalización en la investigación discursiva. La investigación se desarrolla a partir de dos procedimientos principales: (1) la paráfrasis, que se entiende aquí no como equivalencia literal, sino, siguiendo sobre todo las reflexiones de Fuchs (2012), como un gesto de lectura que evidencia los desplazamientos y tensiones de sentido, y (2) la formalización, realizada mediante gráficos discursivos que buscan tornar visibles relaciones de sinonimia, implicación y contradicción. El análisis demostró una diferencia importante entre los textos analizados: para Moreira, el hospicio aparece como el “inicio de un bello movimiento de progreso”; mientras que para Barreto, por el contrario, representa el “proceso de la Edad Media” del recluso. Sin embargo, no fueron los hallazgos históricos lo que más se

¹ Doutoranda em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Psicanalista em formação pela Escola de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (EEP). Membro do grupo de pesquisa Discurso e Arquivo do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Membro do grupo de pesquisa Discurso e Arquivo (UFRGS).

³ Doutorando em Estudos da Linguagem pela UFRGS. Membro do grupo de pesquisa Discurso e Arquivo (UFRGS).

destacó, sino la reflexión crítica sobre la propia práctica analítica. Se defiende, en este punto, que la formalización no debe reducirse a una operación técnica carente de la reflexión epistemológica que la sustenta, pero se asume que tal recurso, en este nivel de la práctica analítica, posee un efecto metodológico heurístico para auxiliar al analista en el proceso de deshacer la naturalidad de los sentidos y demostrar cómo estos funcionan en la articulación entre lengua, ideología e historia.

Palabras-clave: Análisis del Discurso. Formalización. Paráfrasis. Alienismo Brasileño.

Introdução

Trabalhar desde uma perspectiva que articule reflexão metodológica com a prática de uma ciência particular requer que se tenha um tratamento cuidadoso para não deixar que a abordagem pese tanto sobre a teoria, que se descuide de enfrentar propriamente a prática de pesquisa. Por outro lado, há que se cuidar, igualmente, o risco de recorrer à prática de investigação científica de um tal modo que se ignore os pressupostos teóricos que produziram os procedimentos e seus dispositivos de análise, tomando-os algo neutro e pronto para a aplicação sobre quase qualquer objeto indistintamente. Esta é precisamente a postura esperada para uma boa análise materialista do discurso, pois este campo de investigação possui entre seus princípios uma espécie de “desconfiança metodológica” diante do óbvio. Isso obriga o analista consequente a manter sempre presente diversas questões epistemológicas diante de si, ao mesmo passo que opera sobre a materialidade do arquivo. Em virtude desse “dever” do analista que o presente artigo tenta tratar os sentidos de “hospício” no alienismo brasileiro, na mesma medida que põe a descoberto algumas questões epistemológicas com as quais a presente investigação se deparou, a saber: como se “mostra” os achados de uma análise de discurso e, ao mesmo tempo, como se dá a ver o *rationale* que moveu o analista até suas considerações finais? Espera-se contribuir na discussão sobre tais questões, destacando-se algumas notas metodológicas sobre o expediente da formalização na análise realizada neste trabalho.

O presente artigo situa-se no campo teórico-político das práticas de leitura e produção de sentido, de onde a Análise Materialista de Discurso (AD), desenvolvida pelo trabalho de Michel Pêcheux e seus colaboradores, é compreendida como um dispositivo teórico-analítico. A AD parte do entendimento de que os sentidos não são fixos ou autônomos, mas sim constituídos historicamente e atravessados por relações ideológicas complexas. A análise do discurso, debruçando-se sobre os mais diversos textos, busca, mediante estratégias de formalização e deslinearização, trabalhar sobre os mecanismos linguísticos que participam da produção e circulação de sentidos em determinadas formações sociais, colocando em relevo a

relação entre língua, ideologia e história. Com este trabalho, propomos analisar segmentos de textos relacionados ao debate em torno do alienismo brasileiro entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, período marcado por transformações significativas no campo da medicina, da psiquiatria e das políticas públicas de saúde mental, pois, conforme Barbosa Filho (2022, p. 5):

Trata-se, como podemos ver, de uma conjuntura discursiva que toca questões médicas, mas também políticas, raciais e sociais de primeira ordem. Portanto, de um ponto de vista discursivo, o arquivo do alienismo não pode ser reduzido ao ‘arquivo da medicina’ ou da ‘saúde mental’, mas a todo um corpo de dizeres que comparecem tanto nas instituições médicas quanto no aparelho jurídico (incluindo-se aí as mais diversas instâncias policiais), no debate racial em voga no século XIX, na confusão entre diferentes formas de nomear os sujeitos que desorganizavam uma compreensão ‘normal’ ou ideal do espaço urbano.

Assim, busca-se neste artigo evidenciar a constituição e a circulação de sentidos em torno do alienismo no período, destacando os processos discursivos que os sustentaram. Para tanto, alinhando-se a Pêcheux (1988[1975]), compreende-se *processo discursivo* como o sistema de valores que define os graus de equivalência semântica entre enunciados no interior de uma formação discursiva, ou seja, que estabelece a possibilidade de segmentos linguísticos aparentemente distintos serem tratados como paráfrases ou variações de um dado sentido. Neste ponto, aflora aos autores⁴ uma nota epistemológica acerca das *paráfrases* à qual não se poderá aprofundar, mas que vale ser mencionada: não há um consenso sobre o que conta como paráfrase, já que diferentes sujeitos julgam, de formas distintas, se duas sequências têm o “mesmo sentido” (Fuchs, 1982, p. 27). A autora argumenta que as paráfrases não são dados imediatos e universais, mas fenômenos mediados, dependentes do contexto, do sujeito e da situação de enunciação. Os linguistas, ela afirma, confiam em suas próprias intuições para determinar o que constitui uma paráfrase. Essa é, sem dúvida, uma abordagem introspectiva que, para funcionar, precisa supor que os dados perifrásticos são diretamente acessíveis e estáveis, como propriedades “objetivas” do sistema linguístico. Contudo, assumindo-se os riscos, parte-se dessa chave teórica para refletir sobre a abordagem dos *corpora* disponíveis, articulando a análise à fundamentação conceitual.

A análise será desenvolvida em duas partes, cada uma com uma abordagem distinta, porém complementar. Na primeira abordagem, inspirada em textos fundamentais de Pêcheux (2015 [1978]) e Fuchs (2012), pretende-se refletir sobre as condições em que a paráfrase pode intervir como um meio eficaz de análise discursiva. A paráfrase, entendida aqui não como

⁴ Tal questão epistemológica se mostra complexa e muito presente entre os analistas de discurso, tanto que mesmo os autores deste trabalho não convergem teoricamente neste ponto, o que os impele a retomar a questão futuramente para devidos desenvolvimentos e aprofundamentos.

mera repetição, mas como um expediente de reformulação dos deslocamentos e tensões nos sentidos, será mobilizada para expor “a opacidade do sentido frente à ilusão da transparência” (Barbosa Filho, 2025, p. 163) dos processos ideológicos que subjazem ao discurso alienista. A segunda abordagem adotará uma perspectiva que descreve, inspirada principalmente em Culioli, Fuchs e Pêcheux (1970), as relações de continuidade, de contraste, os implícitos e outros funcionamentos linguísticos que contribuam para a constituição e circulação de sentidos. Essa perspectiva permitirá explorar como os elementos linguísticos operam na produção de efeitos de sentido, evidenciando as relações que permeiam o discurso alienista. É nesse processo que, ao lançar mão da formalização, reflete-se sobre aspectos importantes deste gesto. A formalização visa superar a empiria da leitura inocente e mostrar como os processos ideológicos produzem evidências, interrogando aquilo que é tido como “já sabido”.

Dessa forma, espera-se contribuir não apenas para a compreensão histórica do alienismo no Brasil, mas também para o debate metodológico no interior da Análise Materialista de Discurso, destacando a importância de articulações entre diferentes níveis de análise linguística e discursiva.

1 Estratégias Iniciais de Análise

A aposta irrestrita na ciência era um dos imperativos positivistas no Brasil do século XIX e o *alienismo brasileiro* serviu como “braço científico” da nova ordem. O hospício, como instituição afastada dos centros urbanos, era o destino de todos que viessem a perturbar essa almejada ordem, que se reivindicava *iluminada pela razão*. As práticas manicomiais, herdadas dos regulamentos franceses, foram logo replicadas para os estatutos dos hospícios da nova República.

Ainda que não contemplados pela normatização, os sentidos de *hospício* associados ao *regresso* resistiam às pressuposições idealizadas pelos *iluminados*. Enquanto o alienista Juliano Moreira, médico e diretor responsável pelo Hospital Nacional de Alienados⁵, figura de

⁵ “O Hospício de Pedro II, criado pelo decreto nº 82, de 18 de julho de 1841, foi o primeiro estabelecimento no Brasil dedicado ao tratamento dos alienados. Com a proclamação da República o hospício foi desvinculado da Santa Casa, passando pelo decreto nº 142-A, de 11 de janeiro de 1890, ao controle direto do governo federal com o nome de Hospício Nacional de Alienados. De acordo com o decreto nº 8.834, de 11 de julho de 1911, passou a ser denominado Hospital Nacional de Alienados, com nova regulamentação. Juliano Moreira foi diretor da instituição até ser aposentado compulsoriamente pelo governo de Getúlio Vargas em 1930.” Fundo HNA (2025).

extrema relevância no alienismo brasileiro, associava-o ao *progresso*, Lima Barreto, escritor internado por duas vezes no estabelecimento, referia-se ao local como algo medieval:

SD1:

Caído **aqui**, todos os médicos temem pôr logo o doente na rua. A sua ciência é muito curta, muito prevê; mas seguro morreu de velho e é melhor empregar **o processo da Idade Média: a reclusão** (Barreto, 2017[1953], p. 163, grifo dos autores).

Na busca por identificar a que o médico se refere quando fala em *hospício*, objeto de análise no presente artigo, veja-se como ele formula esse sentido em seu texto a partir da sequência discursiva a seguir, que nomeia-se como SD2:

SD2:

Dali data uma fase de verdadeira retrogradação no **belo movimento de progresso iniciado com a criação do Hospício** (Moreira, 2011[1905], p. 734, grifo dos autores).

Dado que, segundo Pêcheux (2015[1982]), o significado de uma palavra, frase ou, em outras palavras, de uma sequência discursiva (SD), não reside nela mesma, mas na sua conexão com outras sequências discursivas, através de possibilidades de substituição, comutação e paráfrase, observa-se uma paráfrase possível da formulação do alienista:

P1: *A criação do Hospício foi o início de um belo movimento de progresso.*

Antes de partir para a análise dos sentidos do referente *hospício* no enunciado de Moreira e no de Lima Barreto, considera-se as formulações de algumas paráfrases possíveis do enunciado de Lima Barreto na SD2:

P2: *A reclusão é o processo da Idade Média.*

P3: Aqui *é a reclusão.*
 O hospício

P4: *O hospício é o processo da Idade Média.*

Justifica-se a substituição de *aqui*, utilizado por Lima em sua formulação, por *hospício* com base nas noções de *sentido*, *referência* e *representação* de Frege (1978 [1937]), sintetizadas por Baldini (2011, p. 13):

Para Frege, é necessário distinguir três coisas: o **sentido**, a **referência** e a **representação** de um nome. Assim, só podemos falar de algo no mundo, de um objeto, dando-lhe uma descrição. Isso é o sentido. Mas o objeto permanece lá, e essa é a referência. E, no interior de cada consciência, os indivíduos farão representações distintas desse objeto.
(...)

Esquemáticamente, o sentido de um nome é a descrição que esse nome faz de um objeto, e a referência de um nome é precisamente este objeto do qual o sentido dá a descrição (grifo dos autores).

O expediente usado na formalização da paráfrase P3 serve-se de um esquema inspirado nas notações matemáticas como a “barra de fração” para mostrar a equivalência entre *aqui* e *hospício*. Este recurso é interessante porque permite colocar em evidência, como o argumenta Barbosa Filho (2022), não apenas a rede de substituições passíveis de serem realizadas dentro de um *corpus*, mas mesmo as articulações de discursos que se interseccionam em um dado enunciado. Como é comum na “importação” de expedientes de formalização de um campo do saber para outro, certas propriedades formais são carregadas conjuntamente com a forma notacional usada no campo de origem. Não seria diferente com a “barra de fração”, deslocada da matemática para a linguística; isto é, na matemática há uma diferença relacional importante entre os termos inseridos acima e abaixo da barra que bem poderia figurar na formalização linguística⁶. E é precisamente para isso que Mahlmann (2025, p. 30) chama atenção ao destacar:

Diferente de uma fração matemática, mas inspirada nela, o elemento acima da barra não representa aqui *a parte de um todo*, assim como o que está sob a barra não indica o total de partes em que o *tudo* foi dividido, mas a *equivalência* entre esses elementos que *implicam* e são *implicados* (representados pelas barras com flechas) por fatores que operam como resultado dessa combinação de elementos equivalentes.

Uma outra referência a essa diferença é mencionada na pesquisa de Raíssa G. Morés (2025) ao apontar uma peculiaridade desse expediente de formalização:

(...) a disposição gráfica proposta com a barra separando os termos não é apenas uma escolha formal, mas um gesto analítico que evidencia o próprio funcionamento discursivo. Importa, portanto, observar o que se coloca sobre e abaixo da barra, uma vez que essa disposição marca o movimento de sobreposição e equivalência entre os significantes. **O que aparece acima (...) tende a funcionar como o termo estável, o já constituído, enquanto o que está abaixo (...) se concretiza no arquivo como o termo que vem preencher, atualizar e fixar momentaneamente o sentido.**

Desse modo, **a barra não representa uma simples relação de substituição**, mas o ponto de tensão onde se materializa a relação entre o mesmo e o diferente, entre o que se mantém e o que desliza. O termo de baixo não é equivalente ao de cima por natureza; ele é produzido como equivalente no e pelo processo discursivo. É nesse gesto de equivalência que se constrói o efeito de totalidade e de evidência — a ilusão de que [os termos acima e abaixo da barra] são, de fato, sinônimos. Essa estrutura visual permite ver o movimento do discurso em funcionamento: o modo como os sentidos se encadeiam, se sobredeterminam e se sustentam na memória ideológica que os torna possíveis. (grifo dos autores).

⁶ Os autores agradecem à pesquisadora Luciana Iost Vinhas por essa reflexão compartilhada em uma conversa informal.

A autora explica ainda, na mesma passagem, que o conceito de sobredeterminação pecheutiano é a razão pela qual o termo “que está abaixo da barra não substitui mecanicamente o termo que está sobre ela, mas o reinscreve a partir de novas condições de produção”. Assim, sustenta Morés (2025), que:

(...) a estrutura gráfica do enunciado [formalizado] com a sobreposição entre [os termos] materializa o processo parafrástico em seu duplo movimento: o da repetição (a tentativa de dizer o mesmo) e o do deslocamento (a emergência de uma diferença no interior da repetição).

Dessa forma, **a organização visual da barra permite a visualização de uma materialidade**, o que Pêcheux (1995) chama de um jogo de contrastes do que é igual e do que é diferente no interior do discurso. Ela **torna visível a operação pela qual o interdiscurso se projeta sobre o intradiscurso**, sustentando o funcionamento ideológico que faz parecer natural o vínculo entre [os termos].

Um equívoco muito comum em pesquisas, que é importante destacar por conta da força “mostrativa” de um expediente de formalização, é confundir a aplicação de um protocolo de formalização com a reflexão propriamente dos fundamentos epistemológicos desta prática de pesquisa. Ainda que, em um primeiro olhar, elas pareçam a mesma coisa, na realidade, tratam de aspectos distintos da pesquisa. Esses aspectos distintos da pesquisa referem-se, na verdade, à distinção fundamental que separa uma técnica de uma disciplina teórica. Isto é, não se trata de simplesmente importar técnicas ou notações assemelhadas àquelas da lógica ou da matemática para aplicá-las diretamente à linguística; mas, isto sim, desenvolver novos conceitos ou adaptar os existentes, criando abordagens que reflitam a complexidade das línguas (Culioli; Fuchs; Pêcheux, 1970).

A possibilidade de substituição de *aqui* por *O hospício* põe em evidência como os processos dêiticos não são apenas situacionais, mas carregados de funcionamentos discursivos. Para aprofundar a noção de *dêixis*, apresenta-se um pequeno excerto de Benveniste (2005, p. 279):

Fora desta classe (os demonstrativos), mas no mesmo plano e associados à mesma referência, encontramos os advérbios *aqui* e *agora*. Poremos em evidência sua relação com *eu* definindo-os: *aqui* e *agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*. (grifo dos autores)

Para uma compreensão mais precisa do segmento, é essencial direcionar a atenção ao adjetivo “coextensiva”. Um dos avanços teóricos que a linguística obtém com a teoria de Benveniste é a abordagem do *eu* não como uma simples noção de sujeito, mas como a possibilidade de manifestação da subjetividade por meio da língua. O *eu* não é tratado como mera referência, mas como a potencialidade de constituição de uma subjetividade no texto. E, ao associar tempo e espaço, *aqui* e *agora*, como coextensivos a esse *eu*, Benveniste

chama atenção para o fato de que esse fenômeno não pode ser compreendido restritivamente a um local ou tempo empírico, mas é construído com suas especificidades na tessitura do próprio enunciado.

Este ganho de complexidade sobre o dêitico é de extremo interesse para a Análise de Discurso, pois, uma vez que se coloque o dêitico dentro do jogo da língua através da paráfrase, é possível encontrar toda uma riqueza de processos discursivos para a constituição de efeitos de sentido importantes a partir do interdiscurso. *Aqui* não é apenas o prédio do Hospício, mas está imbuído de sentidos sobre a instituição que se constituem a partir das demais formulações dentro e fora dos textos de Lima Barreto.

Vale por fim resgatar as palavras de Fuchs (1985, p. 133-136) quando a autora aponta que o processo de paráfrase para as perspectivas enunciativas, discursivas e pragmáticas não se restringe a similitude formal ou a relação entre aspectos de um sentido literal de um enunciado, mas sim é uma *relação atualizada no discurso* entre sentidos que são mobilizados dentro dos enunciados de uma língua. O processo de reformulação depende sempre de uma interpretação prévia do texto-fonte, o que garante a variabilidade das possibilidades parafrásticas. Ademais, o processo de interpretação não se dá apenas no texto-fonte, mas também no novo segmento presente na paráfrase, no qual tendem a ser apagadas algumas das diferenças em relação ao segmento base. Ou seja, nenhum segmento analisado, mesmo os postos em relação acima, perde sua opacidade perante a manipulação do analista.

2 Formalização da análise

Funcionando da mesma forma como no exemplo dos nomes *Brasil* e *o maior país da América Latina*, apresentado por (Baldini, 2011) em “Frege e Russel: a questão do pressuposto”, em que os dois nomes possuem a mesma referência, podendo ser intercambiáveis, *aqui* e *hospício* também são termos que, ao serem permutados, não alteram o valor do enunciado. Quanto à representação, o autor sustenta que “o mais importante a se fazer notar é que ela é individual, enquanto o sentido e a referência são objetivos” (p. 13).

Na tentativa de mostrar essa possível metaforização entre os nomes utilizados por Lima Barreto e Juliano Moreira para descrever o objeto *hospício*, recorre-se ao mesmo

protocolo de formalização proposto por Pêcheux em algumas de suas análises⁷, como em *As massas populares são um objeto inanimado* (2015[1978]), que adota *gráficos discursivos* estruturados da seguinte maneira:

1. **Barras verticais** agrupando dois ou mais elementos indicam que identificamos todas essas séries, sejam elas palavras, frases ou sentenças como contextualmente sinônimas.
2. **Flechas** agrupando dois elementos significa que existe uma relação de implicação (ou substituição metonímica) entre eles, de forma que um implica o outro mas não vice-versa.
3. **Flechas duplas** agrupam dois elementos quando reconhecemos uma contradição entre eles (2015[1978], p. 259, grifo dos autores).

Há indícios de que, frequentemente, o linguista não se compreende plenamente quando discute essa temática, devido a um empirismo ingênuo (ou talvez “espontâneo”) que oculta as questões teóricas subjacentes (Culioli; Fuchs; Pêcheux, 1970). O objetivo é questionar o que o linguista compreende e realiza ao abordar a formalização das chamadas línguas naturais. Aqui, cumpre retomar o que se ressaltou anteriormente, referente à distinção entre a técnica e seus fundamentos epistemológicos. A mera *aplicação* de um protocolo de formalização corre o risco de cair no que se chamou de “empirismo ingênuo”, onde o protocolo vira uma receita de bolo e a análise, nada muito além de um relatório técnico mal sustentado e até descolado da teoria ao qual se reporta. Trata-se da tentativa de “fazer ciência”, de dar uma “cara de ciência”, apenas porque se aplica uma técnica de formalização. A *reflexão epistemológica*, por outro lado, é justamente aquilo que assegura à Análise de Discurso o estatuto de “disciplina” (e não um “método”), no sentido pecheutiano. Ela garante que a formalização não se torne um fim em si mesma, mas permaneça uma espécie de “meio heurístico” de que o analista utiliza para aclarar, para si e para o enunciatário, o complexo entre língua, ideologia e história.

Segundo Culioli, Fuchs e Pêcheux (1970), muitos linguistas ignoram que sistemas formais podem ser construídos à vontade e acabam atribuindo ao objeto de estudo (a língua) características que são, na verdade, propriedades do modelo utilizado. Este é um problema antigo, mas com importância renovada no campo da linguística contemporânea – ao menos para os que se dispõem a escapar do positivismo ideológico.

Sem entrar em detalhes, indicaremos aqui, de maneira geral, algumas direções fundamentais que deveriam permitir ao matemático e ao linguista colaborar de forma frutífera e, para isso, descreveremos rapidamente o modo como procedemos. Esta

⁷ Outro texto de Pêcheux, em parceria com Wesseliuss, que se pode verificar esse mesmo protocolo de formalização é o que os autores analisam o contexto da palavra *luta* em três organizações estudantis em 1968: “A respeito do movimento estudantil e das lutas da classe operária: 3 organizações estudantis em 1968” (1976).

formulação pomposa significa, muito simplesmente, que o matemático deverá compreender:

- 1) que toda teoria formalizada deve ser interpretável;
- 2) que as línguas naturais não são uma lógica que deu errado;
- 3) que a lógica não é uma linguagem que passou por uma reeducação. (Culioli; Fuchs; Pêcheux, 1970)

De acordo com Pêcheux (2014[1982]), a Análise de Discurso herdou do estruturalismo uma desconfiança sobre a espontaneidade da leitura. Tal rejeição de resumir a interpretação e, por consequência, a análise à superfície linguística levou a Análise de Discurso a uma preocupação sobre os processos de formalização ao longo do trabalho do analista sobre e a partir da superfície linguística dos corpus.

Ao mesmo tempo, a Análise de Discurso não se define nem como um método, nem como uma epistemologia, mas como uma disciplina de entremeio entre a linguística, a história e a psicanálise, permite não apenas uma constante reflexão sobre seus métodos e pressupostos - Pêcheux mesmo foi um exemplo constante deste movimento - mas também encontros com outras teorias. Nesse contexto, trabalhos como a reflexão de Culioli, Fuchs e Pêcheux (1970), sobre a formalização atendem a demanda prático-teórica da AD, ao mesmo tempo em que abrem espaço para se pensar o estatuto da forma no interior da disciplina, posto que, uma vez que a AD entende que o papel da formalização não pode ser apenas ater-se ao que está exclusivamente na superfície de uma peça linguística, mas sim que a formalização deve ser um meio de evidenciar regularidades através das quais funcionam os processos discursivos. Por exemplo, considerar apenas níveis superficiais e profundos (como em Chomsky) é limitado em alcance, uma vez que a configuração de superfície é apenas a manifestação de operações subjacentes mais complexas, como afirma Pêcheux. (2014 [1982], p. 4):

A conclusão desta enumeração é que não podemos colocar o problema dos observáveis sem nos darmos uma teoria da observação, em particular, sem nos perguntarmos onde postar aos observadores, é isso que a distinção entre estrutura de superfície e estrutura profunda para Chomsky: a configuração da superfície é o traço das operações subjacentes. Porém, estudar o processo de produção significa sair do campo da observação ilusoriamente imediata para operar abstratamente. Não pode haver formalização da superfície; não podemos decidir a priori que haverá apenas dois níveis, superficiais e profundos, exceto para fazer uma distinção rudimentar; é provável que possamos nos dar como objetos primitivos (termos e relações) aqueles que encontrados na superfície, simplesmente são transportados para o andar de baixo.

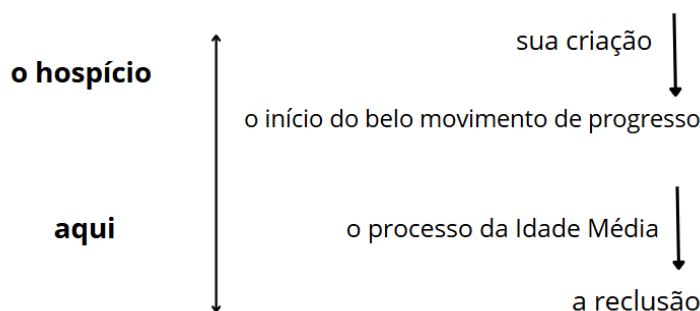
Nesse sentido, a pergunta implícita (o que é “aplicar” uma formalização?) exige do analista um esclarecimento de seu gesto técnico no interior da disciplina. É claro que o analista consequente pode, por bem, omitir de seus artigos sua própria resposta à pergunta implícita. Entretanto, não pode furtar-se a lidar, em algum nível, com o aspecto “mostrativo”

de seu percurso investigativo, precisamente porque o exige a própria produção científica. No presente artigo, é justamente isso que move, em tateio, a reflexão para essas notas sobre formalização, ao mesmo passo que se produz a análise. Neste nível, o pesquisador age, de certo modo, mais tecnicamente, aplicando certos procedimentos de leitura sobre o arquivo ou o *corpus* para “tratar” o material. O objetivo imediato é organizar a “mostração” da análise do material e produzir uma representação (no caso, os gráficos) que seja clara e “demonstrável”. É aqui também que se pode incorrer no equívoco de tomar este gesto de formalização como sendo a própria demonstração da análise, na esperança de que a correta aplicação de um protocolo garanta, por si só, a validade da análise.

Formalizar sequências discursivas é utilizar um conjunto de técnicas para organizar, segmentar e representar os “dados” linguísticos, de modo a evidenciar certas regularidades. É um trabalho operatório, um *fazer* que não elide a contínua reflexão do analista sobre este *fazer*, assim como sobre o material tratado. Nesse nível, a formalização se materializa em atos muito concretos, tais como, sem esgotar as possibilidades, *identificar e isolar sequências discursivas*, *construir paráfrases*, *operar substituições* como “aqui” = “hospício” e, enfim, criar *gráficos analíticos*, como já foi mencionado, para visualizar relações de sinonímia, implicação e contradição. Mas o trabalho do analista não se encerra na técnica, justamente porque tais atos não constituem um método no sentido canônico das ciências nomotéticas. O analista, além de *fazer* o trabalho operatório, também se põe questões para *pensar o fazer*. Isto é, pensar o nível propriamente epistemológico da análise, no qual se destacou aqui a formalização.

Os nomes *aqui* e *hospício* podem parecer, em um primeiro movimento de análise, intercambiáveis ao que se refere ao valor global do enunciado. O mesmo não acontece quando se analisa a descrição dos *sentidos* relacionados a esses nomes (*o início do belo movimento de progresso x o processo da Idade Média*). A *contradição* entre esses elementos está representada pela barra com *flechas duplas*, no primeiro gráfico, enquanto que os elementos que têm valor de implicação estão relacionados pela flecha para baixo:

Gráfico 1



Elaborado pelos autores

Na formulação de Juliano Moreira, a *criação do hospício* implica o *início de um belo movimento de progresso*. Fenômeno semântico semelhante ocorre com os sentidos atribuídos por Lima Barreto ao objeto *hospício*, mostrando que o *processo da Idade Média* implica a *reclusão*, mas não vice-versa, visto que essa relação é metonímica, então há um deslocamento de sentido. A relação explicativa estabelecida no enunciado de Lima aparece de forma linear em seus escritos, com a *reclusão* na forma de aposto, estrutura gramatical preterida nas análises linguísticas/semânticas. Assim como as orações subordinadas relativas apositivas/explicativas, elas são estruturas desprezadas por parte dos linguistas por supostamente não alterarem o sentido da oração principal. Em “Semântica e Discurso” (1988[1975], p. 44), Pêcheux afirma que “a relação explicativa intervém como incidência do pensamento sobre a ordem das essências”. Vinhas (2020, p. 5) avança nessa questão:

Conforme Haroche, Pêcheux e Henry ([1971] 2007, p. 20 [grifos dos autores]), o laço que une as “significações” de um texto às suas condições sócio-históricas não é meramente secundário, mas constitutivo das próprias significações. É na dependência de uma exterioridade constitutiva, resgatada do funcionamento interdiscursivo, que convocamos a língua em sua autonomia relativa, e é na relação entre língua e discurso que operam os funcionamentos do pré-construído e do discurso-transverso.

Com base nisso, Pêcheux (1988[1975]) afirma que o *processo de sustentação* está em relação direta com o que ele caracteriza como *discurso-transverso*, uma vez que o efeito de incidência *explicativa* provém da linearização (ou sintagmatização) do *discurso-transverso* no eixo designado como *intradiscurso*, que seria o funcionamento do discurso com relação a si mesmo: “o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois, portanto, o conjunto dos fenômenos de *co-referência* que garantem aquilo que se pode chamar o *fio do discurso*” (p. 153).

Examinando as relações estabelecidas entre as sequências discursivas até aqui, verifica-se a necessidade de dar um passo atrás e identificar também os sentidos de *Idade*

Média no material. Na sua obra, Lima Barreto relacionou mais de uma vez o processo/sistema de tratamento da loucura à *Idade Média*, conforme mostra a SD3:

SD3:

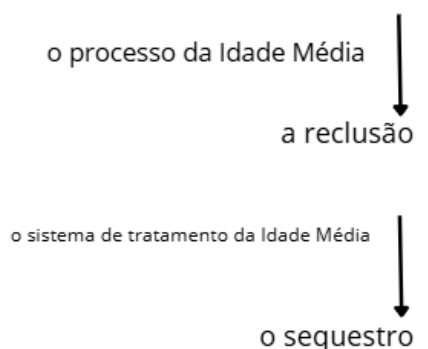
Amaciado um pouco, tirando dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição das rezas, exorcismo, bruxarias etc., **o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o sequestro** (Barreto, (2017[1954], p. 63, grifo dos autores).

A análise dos sentidos de *Idade Média* no material convoca a noção de *pré-construído* (Henry, 1975) pela necessidade do analista recorrer a *ditos anteriores*, não funcionando de modo isolado. Em entrevista para o *Jornal da Unicamp*, Paul Henry (Henry; Nunes, 2013) fala sobre como formulou o conceito de *pré-construído* e a diferença entre ele e a noção de *pressuposto*:

A ideia é, efetivamente, que o que se diz, o que se escuta, **é sempre atravessado por algo que já foi dito, atravessado por um dito anterior**. Eu acho isso natural. **O discurso não funciona de modo isolado**, ele está sempre ligado a outros discursos que se convocam, que são convocados por sua letra, sua materialidade. (...) Quais são os discursos que trabalham no interior de um discurso, linguisticamente? É essa a ideia de pré-construído, não há discurso que funcione sem fazer apelo a outros discursos. A noção de pressuposição vem da lógica, é a ideia de Frege também. A pressuposição é no fundo a ideia de que, quando se pronuncia uma frase, implicitamente, haja asserções que se apresentam em seu interior, que não são explicitadas no nível da frase, mas sem a qual ela não poderia ter sentido. É essa a ideia de pressuposição. É preciso pressupor algo para que a frase tenha um sentido. E então simplesmente é um limite da noção de pré-construído, que é uma generalização dessa ideia, quer dizer, efetivamente há asserções, para dizer como os lógicos, mas eu diria discursos que são convocados como se eles nunca fossem anteriores ao discurso explícito atual (grifo dos autores).

No enunciado em questão, a SD3, o escritor menciona a possível relação entre *Idade Média* e *a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição das rezas, exorcismo, bruxarias, etc.*, ainda que visando excluir essas características ao explicar o sentido implicado no aposto, o *sentido dito: o sequestro*.

Gráfico 2



Elaborado pelos autores

Quanto a este último, novamente tem-se uma relação explicativa que, ao se comparar as duas sequências apresentadas, SD1 e SD3, depara-se com mais uma relação de implicação, além de uma metaforização entre *reclusão* e *sequestro*, assim como entre *o processo da Idade Média* e *o sistema de tratamento da Idade Média*.

Existe um sentido para *hospício* que parece ser comum entre o escritor e o alienista, que é sua relação com o *local onde são recolhidos os pobres*, que se demonstrará a seguir. Ao narrar as características dos internos, no capítulo *Alguns doentes*, de seu Diário, Lima Barreto menciona a proveniência dos loucos que convivem com ele no hospício:

SD4:

Os loucos são de proveniências as mais diversas; originam-se, em geral, **das camadas mais pobres da nossa gente pobre**. São pobres imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e outros mais exóticos; são negros roceiros, que levam a sua humildade, teimando em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira ensebada e uma manta sórdida; são copeiros, são cocheiros, cozinheiros, operários, trabalhadores braçais e proletários mais finos: tipógrafos, marceneiros etc. (Barreto, 2017[1953], p. 164) (grifo dos autores).

Em consonância com a observação do escritor, Juliano Moreira assumia a necessidade do aumento no número de vagas no Hospício devido ao grande número de pessoas que buscavam sustento nos grandes centros urbanos. Eram pessoas pobres, desempregadas e, em sua maioria, negras, reflexo da recente publicação da lei Áurea, que não previu alternativas de subsistência para essa parcela da população. Além de relacionar o local como destino para essas pessoas, o alienista também defendia a ocupação dos indigentes nas colônias agrícolas:

SD5:

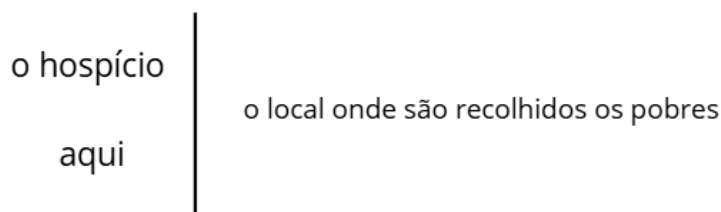
Tendo em vista **o aumento da população da Capital Federal** e a necessidade de receber doentes de outros Estados, **torna-se de mais em mais necessário alargar as dependências do Hospício e aumentar os alojamentos das colônias** para onde serão transferidos todos os alienados indigentes capazes de trabalhar na lavoura, incontestavelmente o melhor meio de ocupar as atividades de muitos dentre eles (Moreira, 1905, p. 67 e 68, grifo dos autores).

Não por coincidência, o “sentido em comum” entre escritor e alienista é justamente o encontrado nos dicionários, *essa ferramenta linguística que normatiza(va) os sentidos impostos pela ideologia dominante*. Veja-se as definições de *hospício* em um dicionário do final século XIX, o Caldas Aulete (1881):

Hospício (ôs-pi-ssi-u), s.m. **recolhimento ou casa de caridade onde se recebem pessoas pobres.** || Casa ou estabelecimento de caridade onde são tratadas **pessoas doentes e pobres**: *Hospício de S. Lasaro.* || Casa onde se recolhem os animais sem dono ou abandonados: *Hospício* da sociedade protectora dos animais. || F. lat. Hospitium (grifo dos autores).

A relação desse *sentido em comum* leva à proposição de mais um gráfico, demonstrando agora a sinonímia entre os referentes para ambos, representada pela barra vertical:

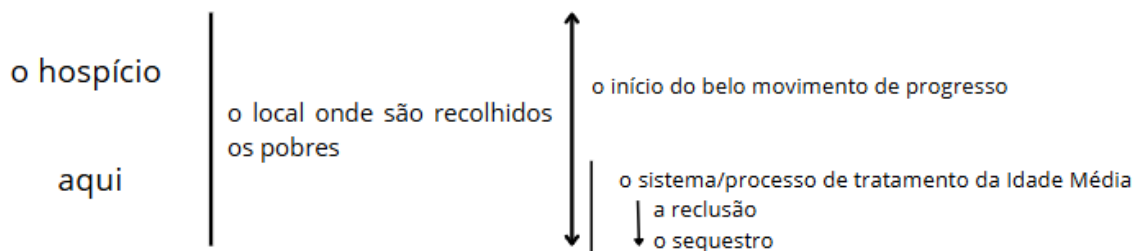
Gráfico 3



Elaborado pelos autores

No esforço por fazer uma análise mais global, levando em conta a totalidade dos enunciados apresentados para conclusão dessas análises, propõe-se um quarto e último gráfico discursivo:

Gráfico 4



Elaborado pelos autores

Como resultado geral da análise, constata-se que os nomes *o hospício* e *aqui* figuram como sinônimos no que diz respeito à relação referencial, representada pela barra vertical maior, ainda que a análise do dêitico *aqui* tenha engendrado outras associações que carecem de melhor formulação em estudos vindouros. *O local onde são recolhidos os pobres* é um sentido comum do objeto *hospício* para ambos, não mantendo essa característica quando analisamos os outros sentidos atribuídos pelos autores, mostrando uma contradição entre *o início do belo movimento de progresso* e *o sistema/ processo de tratamento da Idade Média*, representada pelas flechas duplas. Com base nos enunciados de Lima Barreto, também é

possível observar que *o sistema/processo de tratamento da Idade Média* implica a *reclusão* e *o sequestro*, conforme indica a flecha apontada para baixo, da mesma forma que esses elementos apresentam uma relação passível de metaforização, representada pela barra vertical menor, quando relacionados ao objeto *hospício*.

Considerações finais

O processo de formalização, conforme discutido ao longo deste artigo, mostra-se um expediente engenhoso para auxiliar o pesquisador da Análise de Discurso, permitindo que se coloque em evidência os processos de constituição de sentidos. Esse expediente permitiu investigar os sentidos de “hospício” no alienismo brasileiro com mais clareza. Entretanto, ao reafirmar que o sentido não é imanente às palavras, a paráfrase evidencia a dinâmica dos sentidos como vinculados não apenas à forma linguística, mas oriundos de um outro lugar.

Além da paráfrase, as estratégias de formalização mobilizadas neste artigo mostraram-se possuir alcance heurístico pois as relações entre sentidos dos *corpora* podem ser examinados via diversas estratégias de formalização dos segmentos tratados. Dado que a AD não é uma lexicografia, mas parte do pressuposto que o sentido se materializa através da cadeia sintática, é parte do fazer do analista dessintagmatizar os enunciados e fazer um tratamento formal para pôr em evidência processos discursivos. A formalização dos *corpora* não corresponde a um tratamento formal, no sentido de um cálculo de quantificadores ou de uma estrutura profunda, mas da tomada de empréstimo de recursos tais como as notações usadas na matemática e na lógica, naturalmente dentro das condições epistemológicas próprias amparadas pelo materialismo, e da constituição de um algoritmo para colocar em evidência aquilo do sentido que se manifesta na língua.

Na análise realizada aqui, procurou-se evidenciar as relações metafóricas entre os *corpora* trabalhados através de duas formas: de uma notação conhecida na matemática como “barra de frações” e do gráfico de barras e setas. Isso facilitou destacar processos semânticos como a identidade de sentidos entre termos vários, a presença de todo um jogo de implicação e os efeitos do pré-construído amarrando essas associações. No entanto, visou-se, como contribuição central deste trabalho, os “tateios” epistemológicos (como se designaram as incursões reflexivas que surgiram aos autores à medida que se avançava na análise de “hospício” e “aqui” no *corpus* montado), mais que a aplicação de protocolos e dispositivos de

leitura. Tratou-se de manter diante da pergunta “como fazer uma análise discursiva?” uma outra, “por que fazer desta maneira?”. Desse modo, compreendeu-se os gráficos, que de forma alguma se apresentam como neutros, como construções que facilitam evidenciar regularidades discursivas. É assim que se pôde visualizar como justificar a substituição de “aqui” por “hospício”, baseando-se também em Frege e Benveniste. Pôde-se alertar igualmente para o risco de confundir as propriedades da *formalização* com as do “objeto” discursivo, como também advertem Culioli e Pêcheux.

Referências

- BALDINI, Lauro. Frege e Russel: a questão do pressuposto. **Revista Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas, n° 27/28, pp. 11-26, 2011.
- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Ler o arquivo em análise de discurso: observações sobre o alienismo brasileiro. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 64, 2022. p. 1-22
- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. **Que é Análise de Discurso?** Porto Alegre: Cirkula, 2025.
- BARRETO, Lima. **Diário do Hospício/ O cemitério dos vivos**; prefácio Alfredo Bosi; organização e notas Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. - 1° ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017[1953].
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- CALDAS AULETE, Francisco Júlio de. **Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa**. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. (*livro digitalizado online*). Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26034>. Acesso em: 24 jan. 2025.
- CULIOLI, Antoine; FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. **Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage**. Paris: Centro de Linguística Quantitativa da Universidade de Paris, 1970.
- FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978[1937].
- FUCHS, Catherine. A Paráfrase Linguística - Equivalência, Sinonímia ou Reformulação?-. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 8, p. 129–134, 2012. DOI: 10.20396/cel.v8i0.8636744. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636744>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- FUCHS, Catherine. **La paraphrase**. Paris: Press Universitaires de France, 1982.
- FUNDO HOSPITAL NACIONAL DE ALIENADOS. História da Loucura. **Hospital Pedro II**. Natal: Fundo HNA, [S.d.]. Disponível em: <http://historiaeloucura.gov.br/index.php/hospital-de-pedro-ii>. Acesso em: 24 jan. 2025.

HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 43-64, jul./dez. 1990.

HENRY, Paul; NUNES, José Horta. O discurso não funciona de modo isolado. **Jornal da Unicamp**, Campinas, ano 2013, n. 587, 16 a 31 dezembro 2013. Caderno Especial para o JU, p. 9. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/587/o-discurso-nao-funciona-de-modo-isolado>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MAHLMANN, Mariana. **Yes, nós temos manicômios**: uma análise das discursividades do alienismo brasileiro. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/295343>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MOREIRA, Juliano. Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil. História da Psiquiatria. **Revista latinoam. psicopatol. fundam.** v. 14, 2011[1905].

MORÉS, Raíssa Gabriela. **"Que cultura o sul tem?"**: uma análise discursiva de enunciados do Twitter durante as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul. [2025?]. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, [2025?]. No prelo.

OLIVEIRA, Roberta Pires. Formalismos na linguística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. v.3. São Paulo: Cortez, 2004. pp. 219-250.

PÊCHEUX, Michel. As massas populares são um objeto inanimado? In: ORLANDI, Eni. **Análise de discurso - Textos escolhidos**. Tradução Freda Indursky. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 [1978].

PÊCHEUX, Michel. Paráfrase sintática e paráfrase discursiva. In: ORLANDI, Eni. **Análise de discurso - Textos escolhidos**. Tradução Freda Indursky. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 [1982].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni Orlandi *et al.* 1.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988[1975].

PÊCHEUX, Michel; LEON, Jacqueline; BONNAFOUS, Simone; MARADIN, Jeane-Marie. Apresentação da análise automática do discurso. Trad. Silvana M. Serrani, Suzy Lagazzi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani *et al.* 5ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1982].

PÊCHEUX, Michel; WESSELIUS, Jacqueline. A respeito do movimento estudantil e das lutas da classe operária: 3 organizações estudantis em 1968. In: ROBIN, Régine. **História e linguística**. São Paulo: Cultrix, 1976.

VINHAS, Luciana Iost. Considerações sobre o pré-construído na Análise do Discurso: gesto de interpretação de dizeres de uma mulher presa. **Cadernos de Estudos Linguísticos** v.62, p. 1-15, e020024-e020024, 2020.

Notas sobre a formalização em análise de discurso e os sentidos de Hospício no alienismo brasileiro.

Recebido em: 26/10/2025; **Aceito em:** 04/12/2025.